

Só os açorianos
se beijam no vão da escada

Tout le bonheur des hommes est dans l'imagination.

Marquês de Sade

Uma taça de Dom Pérignon, um charuto cubano e uma bonita morena de estação. Preferia-as de cabelos perfumados, de olhos irrequietos, meio despidas sob o azul-ferrete do céu. Recrutava-as no Facebook, nas esplanadas dos hotéis de luxo com vista para o mar ou nas estradas quando pediam boleia. Conduzir um Rolls-Royce Dawn tornava-me apetecível, vai-se lá saber porquê. E pode dizer-se que eu era feliz, no tempo em que sonhava com a herança da tia Georgina. Mais feliz até do que aquela vez em que apalpei o rabo à minha prima Grimanesa, no baile da União Praiense, aproveitando o facto de alguém ter, maliciosamente, desligado a luz.

Como esse sonho exagerou a fortuna da tia Georgina... Afinal, a herança resumia-se a um prédio velho, a precisar de (muitas) obras, parcialmente arrendado. O *meu prédio*, pensei. E sorri, com o desdém gostoso dos enganados, diante desses três andares sem elevador, com um Renault 4 abandonado à porta. Em bom estado, sejamos justos. Emprestei-o, há dois anos, ao inquilino do 3.º eq. que se ofereceu para me ir ao supermercado. As compras, recebi-as de táxi. Entregou-mas um motorista simpático, a quem tive de pagar a corrida. O inquilino

do 3.º eq. e o Renault 4, esses, ainda não encontraram o caminho de regresso. Talvez andem às voltas na rotunda da Boa Nova sem saber como sair. Acontece aos melhores.

Não herdei um prédio qualquer. A minha tia deixou-me uma espécie de albergue dos esquecidos. Sem dinheiro para pagar a renda, os ocupantes do prédio vivem cercados na banalidade dolente das suas vidas, no frio desconforto dos seus quartos, sem a ousadia do inquilino do 3.º eq. Quase nunca os vejo. A não ser nas imagens da câmara de vigilância, montada no vão da escada, que lhes regista as idas e vindas. Entram e saem sem pressa, com o olhar resignado de quem nada espera. E, se acontece um inquilino cruzar-se com outro, trocam duas palavras, um aceno de cabeça ou um sorriso cansado. Tudo sem graça nem mistério, não fora eu ter aprendido, com a tia Georgina, a inventar encontros felizes entre eles, todos vividos entre a porta de vidro que dá para a rua e o quinto degrau da escada. Apenas neste curto espaço, neste vão de escada, que a câmara de vigilância capta para o meu olhar indiscreto, como antes para os olhos atentos da tia Georgina, na solidão do seu quarto. Só neste espaço, com os olhos generosos da fantasia, empurro os meus inquilinos para encontros felizes. Aqui até onde chega a câmara que os prende, antes do sexto degrau da escada e do regresso às suas vidas recortadas de miséria e abandono.

Como a tia Georgina, observo as imagens dos inquilinos que a câmara regista, no vão da escada. Deixo-as

fermentar dentro de mim, antes de lhes juntar legendas de livros ou de filmes, reproduzidas de memória ou até copiadas. Faço-o com a mesma falta de pudor com que a minha tia o fazia, entre a consciência intranquila do plágio e o desejo de homenagear os autores revisitados. E, em cada história que escrevo, tento devolver aos moradores do prédio as suas asas de cera. Só o morador do 3.º eq., às voltas na rotunda da Boa Nova, com o meu Renault 4, as conserva ainda, já meio derretidas. Os demais há muito que perderam a capacidade de sonhar.

Mas, aos meus contos, falta-lhes o talento da tia Georgina. Nos seus textos, os inquilinos, no vão da escada, vistos da solidão do seu quarto, são como garotos abandonados. Entram e saem, expostos e indefesos, à procura de adoção. Por isso, ela os recolhe nas suas histórias e os sonha felizes. É verdade que, feitos personagens das velhas histórias que vêm nos livros e nos filmes, os seus inquilinos regressam a um paraíso perdido que, afinal, nunca foi nem será o seu. Mas isso, entre a porta da rua e o quinto degrau da escada, pouco importa. Porque, no momento em que a tia os surpreende, com risinhos no olhar, os seus inquilinos são felizes. Eternamente.

E, de facto, assim é, nas suas histórias. Com a sua alegria pueril, a tia Georgina é capaz de colorir, sem preconceitos e sem medo do ridículo, as coisas mais imperfeitas. Sem esse olhar inocente, nunca o vão da escada teria sido palco da mais improvável das versões de *E tudo O Vento Levou*. Nunca os inquilinos do 3.º dto. e do 2.º eq., ato-

res de trazer por casa, roubando o gesto e a palavra a Vivien Leigh e Clark Gable, dariam voz a Scarlett O'Hara e Rhett Butler. Quem, senão a tia Georgina, se lembraria de ver na velhota do 3.º dto., toda rugas e má disposição, a jovem Scarlett a tropeçar no quinto degrau da escada, para cair, desamparada e feliz, nos braços do simpático Rhett do 2.º eq., agora sem a verruga no nariz e esquecido do seu mau feitio?

Para encontrar a Scarlett do filme foi preciso entrevistar mais de mil e quatrocentas candidatas. À tia Georgina, bastou-lhe observar, uma só vez, as imagens a preto e branco da câmara instalada no vão da escada. Com a sua Scarlett O'Hara, veio-lhe também o seu Rhett Butler. Ninguém melhor do que a velhota do 3.º dto., escanzelada, de peitos mirrados, perdidos sob um vestido largo, antes azul, agora cinzento desbotado, para desempenhar o papel de Scarlett. E que bem fica, ao seu lado, o hóspede do 2.º eq., de quem, coçando a verruga, ela recebeu um aceno triste quando se cruzaram na entrada. Sem levantar muito o braço, para não mostrar o casaco roto no lugar do sovaco. Perfeito, como se vê, para o papel de Rhett.

É essa Scarlett, fresca no seu vestido florido de musselina verde, a cair nos braços do atrevido Rhett, que abre a história da tia Georgina. O resto vem depois, quando ele, a páginas tantas, pousa os olhos nos seios maduros de Scarlett e se lembra de que é preciso libertá-los do corpete apertado. Mas ela, adivinhando-lhe a intenção, esconde-os sob o seu chapéu de palha com laços verdes. E ele,

cofiando o bigode, sorri-lhe, elegante no seu fato novo, que é como quem diz: *Eu já te apanho ao virar da página.*

Bem sei que o título desta história cria um horizonte de expectativa em que entram açorianos aos beijos, no vão da escada, porventura embriagados de licores e de desejo. Não, senhor. Ninguém está a prometer orgias entre caldeiras e vulcões. Trata-se de um título equívoco. Até porque as personagens são, como se verá, coreanas e não açorianas. Mas já lá vamos. Cada coisa a seu tempo. É que, agora, não consigo desviar os olhos das imagens em que o morador do 2.º dto. (em tempos, padre, a acreditar em rumores) se cruza, no vão da escada, com a minha prima Grimanesa. Que ela gostava de bailes já eu sabia; que visitava a tia Georgina, não.

Noutra das imagens gravadas, a prima Grimanesa deixa-se apanhar, sentada no segundo degrau da escada, a tirar uma pedra do sapato. Que farei com esta pagã triste sem flores no regaço?, terá perguntado a tia Georgina, aludindo a um verso de Reis, antes de escrever a sua história. Se é que a escreveu, pois, além do título «Pagã feliz com flores no cabelo», desse texto mais não há do que isto:

Uma bela figura de homem desceu as escadas e parou no quinto degrau. Ela virou ligeiramente a cabeça na sua direção. O homem sorriu-lhe. O seu rosto oval, recortado contra a luz, deixava ver os seus dois olhos negros

e grandes com pestanas compridas. «Que bonito que ele é!», pensou ela, agarrando a mão que ele lhe estendia. E foram-se os dois, felizes, dar milho aos pombos.

É cruel a luz que entra pela porta de vidro que dá para rua. Nada esconde. Com quarenta anos, o inquilino do 2.º dto. está velho. Nada tem do jovem príncipe dos sonhos de uma rapariga. O seu chapéu de aba larga leva a copa rota, o seu olhar perdeu o brilho e é, agora, o de um homem cercado, com rugas profundas que lhe rasgam o rosto sem piedade. As voltas da vida contam-se pelos buracos do guarda-chuva preto que o acompanha para todos os lados.

Não me admira que a tia Georgina descubra, no morador do 2.º dto., a *bela figura de homem* que descreve. Ainda menos me espanta que a sua aparição tire o fôlego à prima Grimanesa, virgem pouco inocente, sempre à beira-queda. É apenas mais um dos seus generosos delírios. É a sua maneira de lutar contra a hostilidade do mundo. Já o mesmo não posso dizer da escolha das palavras com as quais ela apresenta o suposto padre do 2.º dto. São, não sem alguma ironia, quase decalcadas das usadas por Eça para descrever o padre Amaro. É como se a tia nos quisesse dizer que andamos perdidos no labirinto do nosso próprio desperdício. Que seguimos presos à canga dos tabus e dos preconceitos, a inventar coisas para morrer mais cedo. E pior: sem tempo para atirar milho aos pombos. De mãos dadas, felizes, até

sempre. Foi o que a prima Grimanese e o morador do 2.º dto. aprenderam; mas o Pe. Amaro e a menina Amélia, não. Mas ainda vamos a tempo de salvar os coreanos que esperam, mais adiante, para entrar em cena.

Aí está: posso continuar a ligação do prédio ao mundo que a prima Grimanese começou. Não como o inquilino do 3.º esq., às voltas na rotunda da Boa Nova sem conseguir sair, como se ainda continuasse no prédio. Hei de convidar a prima Grimanese para jantar comigo no vão da escada, para surpresa dos que entram e saem. Passarão com um sorriso irónico, quase impercetível, que não irá além do sexto degrau.

E eu, agora morador do prédio, hei de levá-la pela mão ao baile da União Praise. A prima dança melhor do que ninguém. Mas dirá o contrário, fingindo ser a Lúcia da *História da Gata Borralheira*, de Sophia:

— Não sei dançar.

E acrescentará, fingendo-se envergonhada:

— É melhor pararmos.

Mas eu, que também li o conto, sem parar de dançar, hei de olhá-la, irresistível, e sorrir antes de dizer:

— Não faz mal. Eu gosto de dançar contigo mesmo que dances mal.

E, confundindo realidade e ficção, talvez lhe belisque uma nádega, se alguém tiver a bondade de desligar a luz.

Diz que havia de saber
se eu era fêmea, se macho.
Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*

Ninguém lhes conhecia a nacionalidade. Os moradores tratavam-nos comumente por chinocas e pareciam satisfeitos com isso. Chinocas que falavam português com sotaque. De um deles, o do 1.º dto., nem sabiam se se tratava de um homem ou de uma mulher. Tentavam adivinhar quando o viam. Mas nunca se deram ao incómodo de procurar, a sério, desvendar o mistério. Nem mesmo a tia Georgina para quem isso era irrelevante. O que a perturbava era o facto de eles não se falarem há quase vinte anos. Não queria inquilinos desavindos no *seu* prédio. Ainda suportava que nem sempre lhe pagassem a renda, mas amuos é que não. Santa paciência! Para isso não tinha mesmo pachorra.

A tia Georgina, nas suas histórias, designa os moradores pelo número do apartamento que ocupam. Mas, neste caso, não. Não só decidiu que os moradores do 1.º dto. e do 1.º esq. seriam coreanos, como também os rebatizou de Su-bin e Jae. Uma escolha que está muito longe de ser inocente. O nome Su-bin significa belo, elegante, fantástico; Jae, por seu lado, reenvia para a ideia de talento, habilidade, riqueza. Até podiam ser só um: Jae

Su-bin. Um só coração a pulsar pelos dois. Há muito sem o humano conforto de uma palavra amiga, sem o prazer de duas mãos que se tocam. Uni-los era assim como juntar a fome à vontade de comer, se é que estou a entender até onde a tia Georgina queria chegar com essa comparação tão palpável...

Mas a argúcia da minha tia não se ficou por aí. Atribuiu-lhes nomes neutros, que tanto podiam ser de homens ou de mulheres, resolvendo, pela sua parte, o problema do género de Su-bin, um segredo bem guardado no 1.º dto. Pormenores como esse não lhe interessavam. Nunca, no seu vão de escada, o amor se havia definido por aquilo que cada um tinha nas partes baixas.

Só não entendo o motivo por que atribuiu à sua história o título «Só os açorianos se beijam no vão da escada». A autora não explicou nem a isso estava obrigada. Talvez o leitor o descubra, lendo o diálogo¹, com que o texto da tia Georgina termina:

Jae desce os últimos degraus e encaminha-se para a porta da rua. Houve, nas suas costas:

Su-bin — Está trancada a porta.

Jae volta-se devagar. Su-bin, junto à parede, sorri-lhe.

1 Na nota prévia ao conto, a tia Georgina alude a uma das curtas metragens da trilogia coreana *Triple — What you Want?* [https://www.youtube.com/watch?v=0Nu_eSGbSPQ]. Diz ela que a viu em inglês, língua em que não era muito versada. Mas isso não a tinha incomodado, já que também as imagens do vão da escada lhe chegavam sem som. As suas histórias limitavam-se a povoar esses silêncios, com a ajuda dos autores que queria homenagear.

Não com o sorriso desdenhoso que seria de esperar entre vizinhos desavindos. Pelo contrário. Ju-bin mostra-lhe um sorriso bonito, afável, conciliador. Um sorriso de homem ou de mulher?, interroga-se Jae.

Jae — (recompondo-se) Está trancada? Como assim?...

Su-bin — É a fechadura: encravou.

Jae — E agora? Como saímos.

Su-bin — A dona do prédio já chamou o serralheiro. Está cá dentro de vinte minutos ou um pouco mais.

Jae — Que maçada...

E ficou-se sem saber o que dizer à criatura estranha que tinha à sua frente. Não se falavam há tantos anos. Já nem se lembrava bem porquê. Podia esperar no seu quarto, mas qualquer coisa o mantinha preso ao vão da escada.

Su-bin — Reparei que, de vez em quando, me olha para o pescoço...

Jae — O quê?... Eu...

Su-bin — Está a ver se tenho uma maçã de Adão desenvolvida?...

Jae — Olhe. Eu acho que vou esperar no meu quarto...

Su-bin — Não se zangue. Todos no prédio o fazem. Querem saber se sou homem ou mulher...

Jae — Acho que estou a perder o meu tempo...

Su-bin — Não, não está. Os seus olhos gulosos não têm parado: ora se fixam no meu pescoço, ora na minha boca...

Jae — Ouça, lá. Não estou para aturar os seus delírios...

Su-bin — Talvez me queira beijar...

Jae — Com tanta gente bonita por aí, porque havia eu de querer beijar alguém como você, que nem sei se é...

Su-bin — E quer saber?

Jae — Não me tire do sério. Não quero saber nada.

Dirige-se até à porta da rua. Põe a mão ao pica-porta. Puxa-o suavemente. Apercebe-se de que, afinal, a porta não está trancada, mas nada diz.

Su-bin — Está a fugir?

Jae — Eu?!... A fugir de quê?...

Su-bin — Não sei. Você parece-me um pouco assustado...

Jae — (irónico) Eu? Nada disso... Só estou a ser assediado...

Su-bin — E o que é que fazia se eu o beijasse?...

Jae vai sentar-se na escada. Vê Ju-bin aproximar-se. Levanta-se, sobe um degrau, depois outro...

Jae — Pare! Ou então vou-me embora. Não tenho aço para isso, não tenho que estar aqui a aturar...

Su-bin — Vai-se embora? Posso segui-lo ou aparecer-lhe mais tarde. Eu sei onde é que mora...

Jae — Tenho mesmo que me ir embora ou acabo por lhe dar um murro nos dentes!...

Su-bin — Está bem, acalme-se. Estamos só a conversar.

Jae — E acha que eu tenho pachorra para os seus disparates?...

Su-bin — (conciliador) Está bem, está bem... Você fica mais atraente ainda quando se zanga...

Jae — (com um sarcasmo que não convence) Não me diga...

Su-bin — Afinal, gosta de piropos...

Jae — Não de qualquer pessoa...

Su-bin vai sentar-se ao lado de Jae na escada. Jae reage com um resmungo, algo irritado. Levanta-se e afasta-se de Su-bin. Para junto à porta da rua.

Su-bin — Você está assim é porque...

Jae — Não estou com medo, se é isto que quer dizer. Estou é farto desta conversa...

Su-bin — E então? Já beijou alguém?...

Jae — Claro.

Su-bin — Mentiroso.

Jae — (hesitante, atrapalhado) Já, sim senhor... já sim senhora...

Su-bin — Eu não acredito.

Jae — Já disse que beijei. Já beijei muitas vezes.

Su-bin — Homens ou mulheres?

Jae — Quer saber, é?... Isso não é da sua conta.

Su-bin — Não está interessado?

Jae — Em quê?

Su-bin — Em beijar.

Ah! Este beija não beija parece saído do filme da semana passada. Talvez Su-bin também o tenha visto, pensa Jae, ao reparar no grão de malícia que lhe dança no olhar. Dá aos ombros, fingindo indiferença. Olha de

revés para o sorriso de Su-bin. E uma vez mais a dúvida atormenta-o: será homem ou mulher? Mas isso não o impede de sentir uma leve intumescência nas calças. Decide passar ao ataque, tomar ele a iniciativa.

Jae — Beijar, hem?... Vossa Senhoria, pelos vistos, é especialista?... Cão que ladra...

Su-bin — Acha que não sou capaz de lhe dar um beijo?

Jae — (indo sentar-se ao lado de Su-bin, na escada) Começo a perceber que isso de beijar é só garganta...

A porta abre-se, deixando entrar a moradora do 3.º dto. Jae e Su-bin levantam-se para a deixar passar. Nenhum dos dois comenta o facto de a porta nunca ter estado trancada. Voltam a sentar-se. Depois, Jae encosta-se a Su-bin, insinuante, pondo-lhe a mão na perna, tratando-o por tu:

Jae — Passou-te a vontade de beijar?

Su-bin — Afinal és tu quem me quer beijar... Desde o princípio...

Jae — E se for?

Jae aproxima-se mais, provocador. Su-bin sente-lhe o perfume adocicado, encolhe-se um pouco.

Su-bin — Podes arrepender-te.

Jae — Medricas!

Su-bin — Mas posso não ser quem esperas...

Jae — Medricas!

Su-bin — Não sei se vais gostar de descobrir que eu afinal sou...

Jae — Medricas!

Su-bin, num movimento brusco, vira-se para Jae. Segura-lhe a cabeça entre as suas mãos, fixando os seus olhos nos dele. Vê-o descolar ligeiramente os lábios e fechar os olhos. Beija-o primeiro com doçura; depois, arrebatado, levando a mão de Jae aos seus órgãos genitais.

Su-bin — Aperta!...

E depois de um curto silêncio:

Su-bin — Agora já sabes...

Jae — Sei o quê?

Su-bin — O que tenho entre as pernas...

Jae — Pois.

Su-bin — E isso muda alguma coisa?...

Jae — Cala-te!... Beija-me de novo, vai...

E ter-se-iam amado, ali mesmo, não fora a entrada inesperada do inquilino do sótão. Chega com uma amiga ruiva, desgrenhada, saída da barraca dos horrores de uma feira qualquer. Não trocam uma única palavra nem param no vão da escada. Sobem um atrás do outro como se não se conhecessem. Não me interessam.

G. V.

E, de facto, a tia Georgina não lhes contou a história, não os recriou felizes. Talvez por pertencerem ao mundo lá fora. O morador do sótão e a sua amiga ruiva não se conheceram, como os outros inquilinos, sob o olhar

indiscreto da câmara. A sua vida era, por isso, uma não-história. Só o mundo do vão de escada inspirava a tia Georgina. A preto e branco e sem som, como a câmara o mostrava. E eu, que quero segui-la, aprendi com ela que o colorido está em quem conta a história. Afinal, a felicidade só brilha nos olhos generosos de quem a descobre.

Índice

9	Só os açorianos se beijam no vão da escada
25	A vida amorosa de Baltasar Peixe-rei
41	A tentação do romeiro
53	Perguntas que trazem <i>bullying</i> no bico
63	Sono breve
67	O encantador de viúvas
79	Quando os homens ladram...
89	O pintor e o poeta
101	A carta
117	Não me envergonhes diante do doutor!...
125	O mar é importante para a navegação
143	A última viagem